

O CENTRO E FORMAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DE PROFESSORES DO ESTADO DE MATO GROSSO E OS SABERES TRADICIONAIS NA CONSTRUÇÃO DE PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL

Gecilane Ferreira – CEFAPRO/SEDUC/MT. gecilanef@yahoo.com.br.

Aila Oliveira Serpa – USP. ailaso@hotmail.com.

Arinos Oliveira Serpa – UNEMAT/NX. arinos@msn.com.

Joanatan Fernandes Rocha Reis – EEJK/SEDUC. joanatanbio@yahoo.com.br.

O Centro de Formação e Atualização de Professores está ligado a Superintendência de Formação da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. No estado foram criados quinze pólos de maneira a atender todo o Estado. O presente trabalho é uma proposta feita na área de Ciências da Natureza, onde o professor formador, trabalhando com professores das áreas de Ciências Físicas e Biológicas do Ensino Fundamental e Biologia do ensino Médio, propõe a utilização dos saberes tradicionais levantados em uma pesquisa etnográfica realizada nos anos de 2007 e 2008, na comunidade de ribeirinhos denominada Vila Berrante, localizada no município de Ribeirão Cascalheira/MT. Na pesquisa feita nessa comunidade foi possível criar indicadores educativo-ambientais que são associados aos conteúdos curriculares da escola básica. As relação do ribeirinho com o Cerrado e o Rio das Mortes são discutidas e apresentadas aos professores na formação para que então esses profissionais possam utilizar tais conceitos durante suas aulas, aliando assim, saberes tradicionais e o conhecimento científico sistematizados.

Palavras chave: formação de professores, saberes tradicionais, educação básica.

INTRODUÇÃO

A proposta de formação para utilização dos saberes tradicionais como ferramentas de educação Ambiental formal, tem suas bases de informações retiradas na pesquisa realizada na comunidade Vila Berrante. O que se segue é um resumo do trabalho desenvolvido nessa comunidade e o tratamento dado aos dados obtidos.

A Comunidade Berrante é formada por pescadores, habitantes das margens do Rio das Mortes, localizada no município de Ribeirão Cascalheira, MT. Revelar ou mesmo trazer à luz as estreitas relações estabelecidas entre essa comunidade, o Cerrado, os ciclos das águas e o próprio Rio das Mortes é um desafio que nos impulsiona, na certeza de que são essas comunidades tradicionais a fonte inesgotável de saberes, capazes de guiar na direção de uma Educação Ambiental que se estruture nos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo de vivência e experiências.

O interesse na forma de relações ambientais dos ribeirinhos, caiçaras, quilombolas e outras comunidades tradicionais, aumentam uma vez que as etnociências têm aberto seu campo de ação e através de seus inúmeros pesquisadores, têm demonstrado que os conhecimentos desses povos devem ser aliados ao conhecimento científico, na busca de soluções que diminuam o impacto das ações do ser humano no planeta.

Guarim Neto & Maciel (2008) buscam registrar a relação do ser humano com os recursos vegetais, considerando os aspectos culturais e biológicos que originam o etnoconhecimento. Os trabalhos realizados buscaram entrelaçar os conhecimentos científicos com o saber das populações locais, ressaltando a apropriação dos recursos naturais e sua utilização por comunidades tradicionais. Ressaltam também os impactos socioambientais causados pelos garimpos, desmatamentos e queimadas que colocam em risco e preservação desses recursos.

O caminho se apresenta de forma que se dê a valorização do ser humano pelo ser humano. É chegado o momento de reconsiderar os antigos conceitos, mitos, alternativas rudimentares, sendo que cada ser humano e sua história de vida poderá e deverá ser considerado e valorizado, na tentativa de se resolver os conflitos ambientais da modernidade.

Com objetivo de revelar o conhecimento tradicional da comunidade Vila Berrante sobre meio ambiente transformando tais indicadores educativos - ambientais em instrumentos para Educação Ambiental, a presente pesquisa utilizou-se de

entrevistas, visitas e conversas informais, bem como pesquisa documental para conhecer. Foram realizadas três visitas em períodos diferentes ao longo dos anos de 2007 e 2008.

Com um vasto material obtido, tais como, fotografias, entrevistas gravadas e escritas, atas de reuniões da associação dos moradores, atas da escola, textos publicados sobre a comunidade e sobre o município de Ribeirão Cascalheira, iniciou-se então a estruturação deste trabalho. De tal forma, que inicialmente, na introdução e nas reflexões iniciais, buscou-se situar quanto aos pressupostos teóricos utilizados para embasar tal pesquisa, bem como introduzir conceitos fundamentais para o entendimento da que se propõe a pesquisa. .

A pesquisa teve sua base teórica e metodológica fundamentada na interface entre as etnociências e a ecologia humana. No domínio científico, tem-se fortalecido os trabalhos de etnociência em seus vários ramos (etnobotânica, etnoictiologia, etnobiologia) em que as comunidades tradicionais desempenham papel fundamental. Grande parte desses trabalhos são realizados por uma nova geração de cientistas, que começam a entender a importância da participação social no estabelecimento de políticas públicas conservacionistas (DIEGUES, 2000).

Para adentrar no universo dos ribeirinhos, optou-se por adotar uma abordagem etnográfica, utilizando-se da ecologia humana como fio condutor das discussões e fundamentos.

Ainda, para reconhecer e registrar as complexas relações dos ribeirinhos, bem como mergulhar no universo de suas emoções e tradições, este trabalho utilizou-se dos conceitos e procedimentos fornecidos pela observação participativa, usando como base da investigação a percepção, conforme estabelecido pela corrente fenomenológica.

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua facticidade (MERLEAU-PONTY, 1999).

A comunidade Vila Berrante está situada às margens do Rio das Mortes, no município de Ribeirão Cascalheira – MT.

DESENVOLVIMENTO

O resgate da formação dessa comunidade se deu por meio de entrevistas da população. Todos os moradores contaram sua versão sobre o surgimento da comunidade, inclusive, foi possível entrevistar três dos homens que estiveram à frente dos conflitos para obtenção do direito de permanência no local.

A população é formada por 29 famílias que se alojaram como posseiros e hoje são proprietários das terras. Cada família, inicialmente tomou posse de um lote de 40 X 60 metros, onde hoje é a vila, e um terreno de 500 m x 12 km (Figuras 4 e 5), para plantio e criação de gado. Poucas famílias são detentoras de seus terrenos dentro da vila. Muitos abandonaram ou venderam e ficaram somente com seu terreno maior (posse). Na vila, continuam morando apenas nove das famílias pioneiras, o restante dos lotes está ocupado por proprietários de outras localidades, que mantêm o espaço para lazer.

O MÉTODO EXERCITADO

A fim de conseguir ampla flexibilidade e liberdade nas perguntas ou intervenções em cada caso particular, foram realizadas entrevistas abertas, semi-estruturada (VIEIRA, 2005), pois neste tipo de entrevista o pesquisador propõe subtemas, na forma de roteiro, especialmente construído para esse fim (BLEGER, 1980). Como complemento as entrevistas, adotou-se também a técnica de observação participante.

O roteiro foi utilizado para “... *conduzir a entrevista, evitando que o informante acabe por determinar os rumos do “papo” (por ter encontrado um bom ouvinte), abandonando por completo a temática da investigação*” (PRETI, 2005, p.51).

A entrevista sendo aberta não há restrição quanto à sua duração, podendo se estender longamente; possibilitando aprofundamento das respostas e, a partir das respostas, permite investigar novos assuntos por vezes inesperados, porém, pertinentes ao objeto de estudo proposto. A técnica de observação participante é considerada importante para complementar as informações obtidas neste tipo de entrevista, como proposto por Vieira (2005).

Os dados transcritos foram então ordenados em categorias, criadas a fim de agregar os conteúdos similares, tal como realizado por Bardin (1997), mas a técnica empregada nesta pesquisa não se trata de análise de conteúdo como proposta pelo autor

citado, mas utilizou-se da formulação de categorias enquanto estratégia de ordenação dos dados para posterior análise e uma sistematização dos fatos observados.

MITOS E LENDAS NA COMUNIDADE.

Durante a convivência com os moradores da Vila Berrante, é possível perceber a riqueza cultural presente, bem como a estreita relação que esse povo tem com o ambiente natural. Dos registros obtidos, seguindo os objetivos previamente estabelecidos, os detalhes dessa riqueza cultural e a relação desse povo com o Cerrado e o Rio das Mortes serão aqui expostos e analisados, buscando sempre um referencial teórico para melhor orientação.

A consciência dispõe de duas maneiras de representar o mundo. Uma direta, na qual a própria coisa parece estar na mente, como percepção ou simples sensação. A outra indireta, quando por qualquer razão, o objeto não pode apresentar-se à sensibilidade “em carne e osso”, como, por exemplo, nas lembranças da nossa infância, na imaginação das paisagens do planeta Marte. Em todos esses casos de consciência indireta, o objeto ausente é representado à consciência por imagens, no sentido amplo do termo, nesse tipo de conhecimento, o símbolo desempenha papel fundamental e remete ao ausente ao impossível de ser percebido (DURANG, 1974).

Foi possível identificar na comunidade as seguintes lendas e mitos: Arranca-línguas, Lobisomem, Figueira, Pé-de-garrafa, Pai-do-Mato, Boiúna e Caipora.

Essas lendas e mitos foram analisados e comparados com as bibliografias existentes. Foi possível fazer um agrupamento das lendas e mitos como sendo: Relações familiares, Valores espirituais e religiosos, Visão de mundo ou Cosmovisão. Para esse agrupamento das lendas e mitos revelados, utilizou-se como base e inspiração, os trabalhos realizados por Moraes (2007).



Arranca – língua



Lobisomem



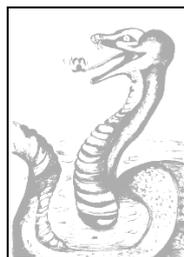
Figueira



Pé de garrafa



Pai do mato



Boiúna



Caipora

Além dos mitos e lendas foram observados a forma de utilização do solo, criação de gado e o uso comunal das terras, conhecimentos tradicionais no uso de plantas medicinais, zooterapia, a arte, a fabricação de farinha, a relação da comunidade com o Cerrado e o Rio das Mortes.

Para Leff (2003) a Educação Ambiental deve cumprir o papel de unificar todos os saberes, de modo a estabelecer um novo paradigma no que diz respeito à atividade humana. Como antídoto à racionalidade econômica ele defende a racionalidade ambiental, ou a conservação como resposta à exploração desenfreada.

OS INDICADORES EDUCATIVO-AMBIENTAIS.

Tabela 1 - Indicadores educativo-ambientais, Vila Berrante, Ribeirão Cascalheira, 2008.

Tema.	Conceitos a serem abordados.
O Rio das Mortes.	Bacias hidrográficas. Rios de Mato Grosso. Ictiofauna. Ecossistemas aquáticos. Rios das Mortes e as cidades as suas margens. Rio das Mortes e os ribeirinhos. Poluição nos rios. Pesca. Pesca predatória. Legislação sobre pesca. Períodos de piracema. Ecoturismo. Relação dos ribeirinhos com o Rio das mortes. A importância do Rio das Mortes para as cidades localizadas as suas margens.

Áreas alagáveis.	<p>Ecosistemas nas áreas alagáveis.</p> <p>Dinâmica de populações.</p> <p>Fragilidade dos ecossistemas alagáveis.</p> <p>.ciclos biogeoquímicos.</p> <p>O uso das terras alagáveis por comunidades tradicionais.</p> <p>A invasão da monocultura nas áreas alagáveis.</p>
O Cerrado.	<p>Fitofisionomia do Cerrado.</p> <p>Diversidade biológica.</p> <p>Solos.</p> <p>Água.</p> <p>Recursos naturais renováveis.</p> <p>Recursos naturais não-renováveis.</p> <p>Desmatamento.</p> <p>Queimadas.</p> <p>Agropecuária nas áreas de Cerrado.</p> <p>Agricultura nas áreas de Cerrado.</p> <p>As comunidades tradicionais e o Cerrado.</p>
Ribeirinhos.	<p>Manejo sustentável.</p> <p>Conhecimento tradicional.</p> <p>Relação ribeirão e o rio.</p> <p>A pesca na visão do ribeirão.</p> <p>Cultura popular.</p>
Conhecimento tradicional.	<p>O conhecimento científico e o conhecimento tradicional.</p> <p>Contribuições para a ciência.</p> <p>Manejo.</p> <p>Conservação.</p> <p>Preservação.</p>
Lendas e Mitos.	<p>As lendas e mitos como mecanismo desencadeador de ações e discussões sobre o meio ambiente.</p>
Arranca – línguas.	<p>Solidariedade e unidade familiar.</p>
Lobisomem.	<p>Limites de ação das diferentes categorias sociais.</p>
Figueira.	<p>Comportamento humano no ambiente. Preservação da árvore.</p>
Pé-de-garrafa.	<p>Reafirmação do modo de manejo tradicional.</p>
Pai-do-mato	<p>Manutenção dos ecossistemas terrestres.</p>

Boiúna.	Ecosistema aquático e terrestre. Ações do ser humano nestes ecossistemas.
Curupira.	Ecosistema terrestre. Limites estabelecidos para caça A lenda e as legislações brasileiras de controle da caça.
Uso comunal das terras.	
Adubo orgânico.	Cuidados com o solo. Agrotóxicos e suas implicações. Tipos de adubos orgânicos e sua contribuição para o meio ambiente.
Agroflorestas.	Conceito de agrofloresta. Benefícios. Onde, como e quando poderia ser adotado esse recurso.
Plantio consorciado.	Conceito de plantio consorciado. Benefícios desta forma de plantio. Tipos de plantas que podem ser consorciadas. Conceito de competição entre espécies de plantas. Correção do solo por plantas utilizadas no consorcio.
Plantas medicinais.	Plantas do Cerrado. Tipos de plantas utilizadas na medicina caseira. Princípio ativo encontrado nas plantas.
Plantas do Cerrado.	Fitofisionomias do Cerrado. Plantas utilizadas na medicina. Plantas utilizadas na alimentação. Plantas utilizadas como recurso ornamental. Queimadas e a perda da diversidade.
Zooterapia.	Animais utilizados na medicina caseira. Risco de extinção de animais do Cerrado.
Animais do Cerrado.	Animais encontrados no Cerrado. Os vários grupos de animais (sistemática). Ecologia. Habitat. Nicho.
Expressões artísticas.	A arte como identidade cultural. O uso de recursos naturais de forma sustentável em atividades artística.

	A arte como instrumento de preservação. A arte como instrumento de denúncia em favor da preservação e conservação.
As festas.	As festas populares como afirmação de identidade. Demonstração da diversidade cultural como forma de demonstrar a diversidade ambiental. Etnocentrismo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1997. 225p.

BLEGER, J. **Temas de psicologia**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1980. 137p.

DIEGUES, A. C. Org. **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. 2 ed. São Paulo: HUCITEC/NUPAUB, 2000. 290p.

DURAND, G. **A Imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1974. 116 p.

GUARIM NETO, G & MACIEL, M. R. a. **O saber local e os recursos vegetais em Juruena, Mato Grosso**. Cuiabá. Entrelinhas/EDUFMT, 2008.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2003. 494p.

MERLEAU – PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 2 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1999. 662p.

MORAIS, F. A. L. **Mitos e lendas: as expressões das ações ideais frente à natureza em Nova Xavantina, MT**. Monografia (Ciências Biológicas). UNEMAT/NX, 2007.145p.

PRETI, O. **A Aventura de ser estudante: um guia metodológico: os caminhos da pesquisa**. Cuiabá: SIF, 1995. 84p.

VIEIRA,P.F . **Gestão Integrada e Participativa de Recursos Naturais**. Ed Secco /APED, 2005. 187p.

ANEXOS

